**MARIANA HIGA BRIANI\_11965053**

**MARJORIE MELARÉ\_11843874**

**AVALIAÇÃO FINAL - ESTÉTICA II**

**Análise proferida por Mariana Briani e Marjorie Melaré, no dia 16/12/2022, elaborado como parte da avaliação da Disciplina IAU0964 – Estética II, ministrada pelo Prof. Ruy Sardinha Lopes, do Curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP).**

**SÃO CARLOS**

**2022**

**SUMÁRIO**

ENUNCIADO 3

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 7

**Questão - Enunciado**

A partir da discussão realizada durante o semestre e em especial a constatação do esgotamento do conceito moderno de arte e de suas promessas, faça uma discussão sobre os paradoxos ou novas formas de se pensar a relação arte e política na contemporaneidade.

Segundo o pesquisador e filósofo Celso Favaretto, a arte atualmente vive do seu próprio vestígio, da investigação dele, da mutação do conceito de arte e do desaparecimento desta. Esse desaparecimento da arte se relaciona diretamente com a arte modernista, em que, segundo Rancière: “desejando purificar o potencial emancipatório da arte de todo compromisso com o mercado cultural acabou reduzindo-a a um testemunho ético sobre a catástrofe irrepresentável” (FABRINNI, 2013, p. 172 apud). Ou seja,a arte moderna teria convertido a autonomia da arte, (apagamento de qualquer exterioridade à forma artística - principal característica dela, segundo Otília Arantes), em um jogo aleatório de signos que perderam sua capacidade transformadora e crítica (FABRINNI, 2013, p.170).

 Ainda sobre isso, de acordo com Otília Arantes, a valorização modernista do transitório e do efêmero enquanto fim em si mesmos, acabou transformando o futuro, do qual emergia o novo, num valor cotado em bolsa, num bem de consumo descartável. Isso pois, a arte moderna leva o novo ao seu limite, este se degrada, seu efeito de choque se amortece e a novidade se torna moda, cuja obsolescência é industrialmente programada (ARANTES, 1988, p.21-22). Desse modo, bem como afirma Habermas, o ethos transformador da arte moderna se exauriu, deixando o processo modernizador como um processo inconcluso, que não cumpre sua promessa de transformação da vida através da dissolução desta na arte e, ao invés de uma politização da arte, o que ocorre é sua estetização (LOPES, 2022).

 Entretanto, dessa falência das vanguardas como projeto de emancipação resultou-se a necessidade de se repensar o poder de negação da arte, característica modernista relacionada à sua obrigação de constantemente negar a si mesma, de introduzir o novo (FABRINNI, 2013, p.181). Sendo assim, libera-se a arte pós-vanguardista da sobrecarga das responsabilidades assumidas pelas vanguardas modernistas. Logo, a arte dita pós moderna não compartilha mais do "ethos'' de progresso cultural e nem se destina a completar o projeto da modernidade. Pelo contrário, segundo Habermas, a pós-modernidade se apresenta como anti-modernidade, como uma vanguarda retroversa.

 Porém isso não significa que a arte contemporânea rompe com a arte moderna. Uma vez que se apresenta como anti-modernidade, não compactua com a tradição da ruptura, termo dialético intrínseco ao período moderno. Sendo que, o traço mais marcante da atual fase da cultura pós-moderna é quando a busca incansável do novo dá lugar à consagração do status quo na forma ideológica de apologia à diversidade (ARANTES, 1998, p.37). Ou seja, repensando o papel do heterogêneo, não mais o colocando como uma sequência de rupturas ou introdução ao choque, ao mesmo tempo, o insere na realidade atual. Bem como ocorre com a dissolução das vanguardas, a arte é incorporada ao sistema capitalista.

Portanto, ela não rompe totalmente com o passado modernista, muito menos se apresenta como sucessora de seu projeto. Nesse sentido, pode-se afirmar que a arte contemporânea apresenta uma relação historicista com o passado, de revisitação e de reflexão sobre ele.

Percebe-se então que a produção não é mais sobre o novo, que foi esgotado, mas é sobre repensar e reinventar o passado no presente e no futuro, se apropriando deste e de sua herança cultural para criação de uma nova produção (LOPES, 2022). Complementando a afirmação de Celso Favaretto de que o sentido da obra contemporânea está neste traçado, na investigação dos vestígios, especialmente os modernos (FAVARETTO, 2014, p.12).

Como um exemplo para essas afirmações, podemos citar a primeira Bienal de Arquitetura em Veneza, de 1980 (momento em que o termo pós-moderno ganha força) que tinha como tema “La Presenza del Passato”, em que o passado da arquitetura fora recuperado pelas lentes da indústria cultural, com diversos standards representativos da arquitetura de outros períodos históricos, caracterizados como arquitetura cenarística, de fachada (LOPES, 2022). A arte, nesse contexto, passou a ser produzida em um cenário de novas tecnologias de informação, de comunicação e de mercado.

Como consequência dos novos efeitos de comunicação, ocorreu o aumento da importância das questões econômicas-sociais nas áreas da criação, circulação, recepção e crítica da arte, ao mesmo tempo que houve a disseminação e a generalização do estético (FAVARETTO, 2014).

Sucedeu, com essa generalização estética, a união do objeto artístico à realidade devido a sua renúncia à autonomia da arte e sua intenção de transformar o mundo por meio das próprias leis internas (FABRINNI, p.174).

Há enfoque na temática da maneira de viver como resultado de uma tentativa de desorientação, e não mais de beleza. A partir disso, houve o deslocamento do interesse estético, indo das obras e dos objetos para o impacto cultural dos participantes, resultando por fim na estetização da vida cotidiana, de forma que, ao modelá-la em conjunto com diferentes esferas da vida, concebe-se a vida como arte, segundo Foucault. Com a ampliação do campo da arte, permitiu-se instaurar essa estética generalizada que abrange as formas da vida. Fala-se de “viver uma vida bela”, abordando as esferas políticas, éticas e sociais (FAVARETTO, 2014):

“A atividade artística pratica uma experimentação da qual a reflexão ética tem todo o direito em se nutrir” (FAVARETTO, 2014)

Nesse período de transformações no ambiente de comunicação devido ao aumento da importância dos meios tecnológicos na divulgação da mostra cultural, a publicidade ganha espaço em meio aos dispositivos de disseminação de objetos e obras. Ocorre o alargamento do sentido da arte e da estética, que por sua vez passam a ter suas relações modificadas e aproximadas ao mercado e ao consumo de bens culturais (FAVARETTO, 2014).

Como resultado das novidades da indústria cultural, transcorreu a substituição do simbolismo da obra pelas formas de apresentação, reforçando a vida estética generalizada. O objeto, portanto, perde seu valor e deixa restar sua apresentação (FAVARETTO, 2014).

Houve transformações também no mercado de arte, que em paralelo ao movimento de ascensão do neoliberalismo e do neoconservadorismo, intensificou a dependência dos atos de produzir e de vender arte em relação ao consumo da crítica e do público. Configurou-se, portanto, a indústria cultural, que gerou a discussão sobre o rendimento da arte ao capitalismo contemporâneo e sobre a reflexão de seu engajamento político (FAVARETTO, 2014).

A problemática da produção artística contemporânea é levantada de acordo com todo o contexto em que está inserida. Reflete-se sobre o fazer artístico, se esse é colocado à margem do processo de produção, uma vez que o modo de produção capitalista e os gostos estéticos generalizados passam a ter grande impacto no mercado de arte. Assim, os artistas passam pelo desafio de produzir formas heterogêneas de sentimentos no espectador, diminuindo sua comodidade de forma a colocar em suspensão a percepção do mundo real e causando dúvida sobre as identificações estabelecidas, ao mesmo tempo que deve satisfazer a dinâmica do capital. (LOPES, 2022)

Mesmo se inserindo na realidade e enfrentando as exigências impostas pelo mercado e pela indústria cultural, a arte apresenta ainda um enfrentamento social e político. Os artistas enfrentam o desafio de mediar e antecipar os anseios sociais para passá-los em suas obras (FAVARETTO, 2014).

Com isso, evidencia-se a intenção comum das manifestações artísticas de repolitizar a arte frente à dominação econômica, estatal e ideológica. É importante ressaltar a relação da arte com a política frente a essas questões, em que a intenção é mobilizar o espectador para reagir ao sistema fora do ambiente artístico após o contato dele com a obra (RANCIÈRE, 2021):

“A arte é considerada política porque mostra os estigmas da dominação, porque ridiculariza os ícones reinantes ou porque sai de seus lugares próprios para transformar-se em prática social” (RANCIÈRE, 2021)

Contudo, uma das questões que emergem é a em relação à eficácia da arte na tentativa de mobilizar o público. A descontinuidade entre a apresentação e a recepção da obra coloca em jogo a arte e a política, denunciada por Natalia Wolinski quando reflete sobre a exposição de imagens impactantes e catastróficas sobre a realidade: “O que se vende exatamente: uma fotografia magnífica ou uma tragédia insuportável?”. A exemplo disso, cita-se as obras de Sebastião Salgado, que apresentam belas fotografias comercializadas, de forma a atender a demanda do mercado cultural ao mesmo tempo que apresentam uma crítica social, retratando tragédias ambientais e sócio-políticas, mas que, por outro lado, as colocam em pauta.

Paralelamente, experimenta-se a estética como experiência de dissenso, que causa a desconexão entre a produção artística e os fins sociais em um ambiente neutralizado com espectadores passivos. Constrói-se uma nova ligação entre aparência e realidade quando se considera o domínio da arte como voltado para sua experiência própria, separada de outras formas de experiência sensível. Os artistas, nesse meio, relacionam o que não se relaciona no mundo, causando estranhamento no observador e não necessariamente o desejo de mudar o mundo, emergindo uma contradição na obra crítica (RANCIÈRE, 2021).

Há também a produção artística que passa a se relacionar diretamente com a vida em formas ativas na comunidade, usando de suas novas formas de disseminação e de comunicação. Dessa maneira, a arte torna-se também ação, e não apenas contemplação, o que explicita nesse caso a eficácia da arte quando essa é aplicada para fora de si mesma, recebendo um valor simbólico e político (RANCIÈRE, 2021).

Voltemo-nos por fim à arte política e sua oposição às potências internacionais do capital. O poder do pensamento coletivo estabelecido é consequência do processo de fusão da expressão da arte a partir da união da produção artística, do saber e da comunicação no contexto do capitalismo. Nota-se a força da mercadoria e do espetáculo do poder em locais de exposições, como museus e galerias. Frente a isso há uma discussão sobre o rendimento da arte ao capitalismo contemporâneo e o perdimento de seu engajamento político (RANCIÈRE, 2021). Portanto, devido ao alargamento das formas de comunicação contemporâneas, os artistas devem julgar criticamente as condições de mercado de arte sem ceder ao mesmo.

 Reflete-se sobre a perspectiva de revolução dentro da transformação da relação arte-sociedade, que em sua intenção, a arte deveria contribuir com a transformação do tecido social. Contudo, a história evidencia que a promessa dessa relação arte-social não foi cumprida devidamente. Embora as legalidades artísticas se dissolvem na vida, o capitalismo e as formas hegemônicas e sistêmicas de produção continuam fortemente consolidadas. Além disso, a promessa de transformação radical da vida social não foi atendida, apesar da relação arte-vida ter sido alcançada. Portanto, enquanto forma, a promessa foi respeitada, uma vez que surgiu a estetização da política e da vida, em uma falsa superação da relação entre arte e vida. Nesse momento, ocorre a completa estetização das experiências a partir do consumo das formas em meio aos novos meios de comunicação (LOPES, 2022).

**Referências bibliográficas:**

LOPES, Ruy, S. Aula da disciplina Estética II, ministrada dia 16/09/2022 pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos.

LOPES, Ruy, S. Material referente às aulas da disciplina Estética II do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos.

FABRINNI, Ricardo Nascimento. Fim das vanguardas: estetização da vida e generalização do estético. Poliética. São Paulo, v. 1, n. 1, pp. 167-183, 2013.

FAVARETTO, Celso – Arte contemporânea – opacidade e indeterminação. Rapsodia. São Paulo: FFLCH https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/106650/105267

RANCIÈRE, Jacques - Paradoxos da arte política . Livro O espectador emancipado

OSORIO, Luiz, C. - Querelas que interessam: Forensic Architecture e os paradoxos da arte e da política Revista Viso - http://revistaviso.com.br/article/379

ARANTES, Otília - O envelhecimento do novo. Urbanismo em fim de Linha, 1998